

Ler o Mar

Por José Cardoso Pires

A ed. *Comunicação acaba de lançar Os Pescadores*, de Raul Brandão, com prefácio de José Cardoso Pires. O volume integra-se na edição das obras completas do autor de *Humus*. É esse prefácio de Cardoso Pires que aqui publicamos. O texto, muito belo, situa a importância do texto de Brandão e evoca as recorrências que dele se espalham em outros textos, outros autores.

«Vi hoje, pela primeira vez, Raul Brandão. Existe.»
José Gomes Ferreira em 1923, ano da publicação de *Os Pescadores*.



Raul Brandão

Obra de Raul Brandão e percorro-o neste instante com o mesmo deslumbramento com que percorri página a página todo o personagem que ali se conta. Deste capítulo transcrevo-lhe uma citação: «Todo o homem é uma série de fantasmas», e é a voz de Brandão que Guilherme de Castilho nos vai trazer do *Humus*. Mas adiante outra — desta vez recolhida numa carta a Albino Forjaz de Sampaio, onde fala outra vez, e outra, de fantasmas: «Considero-me um homem em luta com um fantasma. Quando é o fantasma que fala e me arrasta escrevo com dor e grotesco, com piedade pelos humildes [...] A parte que lhe pertence discrimina-se perfeitamente da parte que me pertence e em que me detenho, com alegria, a fixar a paisagem e a luz. Porque eu adoro a luz esplêndida e o outro só gosta de névoas escuras: onde emprego o azul emprega ele o negro, e dá-se muito bem só com uma tinta e dor.»

E pronto. Com estas duas confissões, pode dizer-se. Guilherme de Castilho, começa a proceder ao levantamento do autor que se afirma a duas escritas e a duas cores, «entre o dramático e o contemplativo», as novelas e o teatro, por um lado, e «Os Pescadores» ou «As Ilhas Desconhecidas», por outro. Mas quanto a mim talvez estes dois itinerários paralelos se encontrem no ponto infinito da Morte. A Morte, pois: com luz ou com fantasmas, a morte percorre as duas faces de Raul Brandão, desde a primeira à última linha.

3

Brandão (n'Os Pobres) «Por cada homem que amontoa outro há cem criaturas morrendo de desespero.»

1
zes híbridas daquela gente. Pela costa fora, de Vagos até ao cabo Mondego, encontram-se mais casas assim, mais povoações secretas. Palheiros de Mira, Palheiros da Tocha, Palheiros dos Quiaios. Estão ali para confirmar, e se confirmarem, no que foi escrito n'Os Pescadores.

2

Columbano retratou-o com as sombras da morte a errarem-lhe no rosto. António Carneiro desenhou-o a traço aristocrático e os caricaturistas apontaram-no em quatro ou cinco linhas — veneradamente. Aquilino Ribeiro chamou-lhe «um choupo poderoso» e «um estatuário de anjos e monstros [...] um velho lobo marinho que no Inverno pasceia pelo Chiado uma bengala de mestre escola e na Primavera uma capa preta herdada do Hamlet» (*Canções, Camilo, Eça e Alguns Mais*). Na realidade, poucos escritores portugueses foram tão registados em vida e com tanta unanimidade de traços como Raul Brandão. Ele próprio deixou o seu auto-retrato, a princípio com ironia («silhueta de pirata nostálgico, tesourando o chão a passadas sonâmbulas») e depois, nas *Memórias*, com a precisão directa de quem se define para que não fiquem dúvidas: «Este tipo esgotado e seco, já roço, que dorme nas eiras e sonha pelos caminhos, sou eu.»

No entanto, esta figura sistematicamente desenhada no concreto aparecia ao mesmo tempo distanciado por uma transparência de lenda. Sempre. Aquilino, o mesmo Aquilino que o designava como «desbravador de mistérios», mostra-o, depois, sentado à sua mesa de escritor envolvido por invernos sem fim, «os mortos levantavam-se cansados do sono e vinham ter com ele». Guerra Junqueiro, que o prefaciou n'Os Pobres, exalta-o como «grande visionário quase desconhecido e genial». Os jovens de então, Rodrigues Miguéis à cabeça, elegend-no «como um deus surpreendente», e é por isso que um deles, José Gomes Ferreira, ao avistá-lo a subir o Chiado no dia 18 de Novembro de 1923, corre a escrever esta coisa simples: «Vi hoje pela primeira vez Raul Brandão. Existe.»

Existia, de facto. Existia ele, enorme e inconformado, nas suas aparições em Lisboa, como, afinal, existiam os palheiros do mar, os marítimos e todos os heróis fantásticos e lancinantes que povoavam os seus livros.

Mas o grande retrato de Brandão, aquele onde o vemos a todos os ângulos e em todas as contradições, deu-o Guilherme de Castilho num livro-chave, exaustivo e inteligente, que tem de estar sempre aberto quando se quer fazer uma leitura verdadeiramente criativa deste autor. Refiro-me, já se sabe, à Vida e

UM dia, há muitos anos, encontrei alguns fantasmas de Brandão perdidos na praia de Mira e reconheci-os imediatamente. Eu tinha passado a noite perto dali, na casa de Febres de Carlos de Oliveira, com constelações de rãs a conversarem ao luar até ao alvorecer: de manhã metemos à Gândara e passámos pinhais esquecidos, dunas, fornos de cal, e de repente vimo-nos diante dum extenso areal com o mar de cinza e um punhado de casas denegridas: «Palheiros de Mira», apontou Carlos de Oliveira.

Construções de madeira, quase lacustres, desertas e nevoentas, pareciam vultos de naufragos a esbracejar na solidão da costa. Exactamente como eu as tinha lido n'Os Pescadores, pensei então; a mesma desolação de fim do mundo, a mesma «amplidão embaciada», o mesmo cheiro a salmoura crestada no areal, «restos de peixe por toda a parte e de ceirões velhos que apodrecem». Achávamo-nos numa página de Raul Brandão, daquelas que nos retêm e ficam.

Os barracões, talhados à enxó e a golpes de salitre, tinham um ar errante, eternamente provisório, talvez porque os homens que os construíram eram criaturas de migração entre campos e o mar, avós ou bisavós dos «gandarezes torvos» que Carlos de Oliveira contou genialmente nos seus romances e na sua poesia.

Ali estava eu num território a duas vozes. Ao meu lado a de alguém que aprendera ao vivo aquelas paragens desde a infância e que as descrevera na Alcateia, na *Casa da Dama* ou em *Finisterra*. Era uma voz extrema, esta, traçada ao gume da faca como a sua escrita ímpar, universal, e falava-me, do homem da Gândara numa metamorfose de marchante obstinado a bater pantanais e povoados. Do outro lado, mais distante, vinha um discorrer luminoso — a prosa de Brandão; essa falava-me do gandarez que largou a pele de cavador para ir lavar o mar «As vezes», contava-me ele, n'Os Pescadores, «a onda vira o barco, envolve os homens e deixa-os sem sentidos. Quando os tiram por mortos para fora do mar metem-nos em sal como sardinhas para lhes apertar os ossos, é grande remédio, dizem. Ano passado houve um que, depois de estar no sal quarenta e oito horas, ainda tornou a si».

Esses e outros rituais de morte e ressurreição tiveram lugar acolá naqueles casebres denegridos espetados no areal. Palheiros, é como lhe chamam. Palheiros do mar à semelhança de palheiros do campo; só o nome já diz muito das raí-

calvário de vencidos que se prolonga por trinta anos de escrita, desde «A História dum Palhaço», 1896, ao drama «O Avejão», publicado em 1926. De «estação» em «estação», como nos Passos de Cristo, o cortejo avança entre a tragédia e a farsa e quem o comanda é o tal fantasma complexo de culpa social que Raul Brandão, «eri dentro dele e que lhe guia a mão, conforme confessou na tal carta a Albino Forjaz de Sampaio. O Fantasma como voz justiceira que vem da Morte, por isso é que ele transfigura as verdades e as consagrações burguesas e redime o Gebo, o Doido ou o Gabiru das suas monstruosidades de inconformados, revertendo-os em acusadores da paz oficial. O leproso faz-se puro e a virtude convencional desfaz-se em pústulas repelentes.

Fantasma. Morte e Sonho. Três figuras dominantes do Vale de Josaphat que o escritor elegeu para título dum livro mas que é afinal o território de todos os seus heróis, e das suas entidades abstractas. O impressionante é que as representações do seu ego confessional é uma resultante das simbologias filosóficas do tempo que viveu e da sua geração. Uma delas, o Doido, é admiravelmente estudada por Óscar Lopes em *Ler e Depois* nas raízes duma filosofia agnóstica e no decadentismo esteticista, «a filosofia, tão em moda nos inícios do nosso século XX, da mentira, vital, da verdade pragmática, dos mitos fecundos, etc.»

Vale a pena abrir este ensaio por que nunca e em tão pouco espaço se desvendou tanto mundo em Raul Brandão. O Doido que o dramaturgo associa à Morte, no próprio título da sua peça mais célebre, relaciona certamente Óscar Lopes com o Sonho e com a Realidade (política e cultural) do tempo. Ele vem do Junqueiro e de Pascoaes, lembra-nos o ensaísta: vem de lã e está associada à Europa saída da guerra pelo grande da história que protesta e pelo estalido de cadáveres e de falsas promessas que nos deixou. No meio desse campo de morte o Doido é um vulto absurdo a gesticular em lucidez.

Morte, sempre morte, a morte pelo absurdo. Quando se fala de Beckett a propósito do teatro de Raul Brandão, a corria transmissão é fatalmente o absurdo e quando se fala do pré-existencialismo das suas novelas a razão impulsionadora é o limite da morte. Morte física não só porque a morte civil comparece na farsa destes heróis, o seu autor nem sequer a disfarça, na identificação de cada uma das suas peças. Assim declaradamente: Morte de Mauricio, Morte do Palhaço, O Doido dos Mortos, O Doido e a Morte...

Avançando sempre, o fantasma de Brandão, escurece o dia ou inebria «sabbats de cor» onde esbraceja um mundo de medo e de hipocrisia. No meio desse carnaval o escritor define-se (n'As Ilhas Desconhecidas) como «um fragmento de tábuas que as ondas levam sem destino, sempre o mesmo negrume, no mesmo momento perpétuo e inútil...»

4

Mas de repente, vem o dia, o homem dramático cedeu ao homem contemporâneo. Lá o temos, numa velha fotografia de pintor *d'après nature*, sentado

Continua

cavalete em pose de artista de domingo, a interrogar a natureza. Pintor mediocre, dizem os biógrafos, e Brandão parece consciente disso. Mas ele tem a paixão da cor, nenhum escritor português se explicou tanto por cores como este amador de pintura, amigo de Columbano. As suas paisagens, contadas numa caligrafia viva e instintiva, dão em duas penadas o sol ardente dos areais, o cinzento alcatilado dum rio pedregoso ou as cem gradações do verde dum pomar.

Quer escrever *Pescadores* como uma imensa tela a tons violentos, com uma agitação frenética no primeiro plano: so pinceladas grossas, tinta atirada num gesto nervoso e a intervenção do próprio dedo para dar o movimento frenético enquanto a tela fresca escorre. E consegue. E de que maneira. *Os pescadores* aparece como um deslumbramento de luz e de rigor, cada capítulo é uma água-marinha de ambiente inconfundível: a cor e as transparências aliam-se no impressionismo desta escrita deslumbrante.

Brandão veio, pois, pela costa abaixo de paleta na mão (de caderno na mão, quero eu dizer) como quem segue as pegadas dos grandes mestres que retrataram o litoral. Começou na ponta norte, na praia da Afurada, onde reconheceu a paisagem do genial Pousão. Logo a seguir o cenário de "Esperando os Barcos" de Marques de Oliveira. Na Ria de Aveiro demora-se: Ao longe as árvores violetas nascem da água, o horizonte ainda mais cinzento teima em fixar-se, mas as espumas azuis já estremecem em reflexos verdes.

E segue. Nesta imprecisão de tons há boia a pastar na água e barcos que atravessam campos de girassóis. O que eu queria dar so o podem fazer os pintores, insiste ele um pouco adiante. Na Figueira da Foz e como se esteja perante uma tela de Antonio Carneiro, mais abaixo encontra a pincelada inconfundível de João Vaz, paisagista do Tejo e do Sado. O grande fresco do país do mar vai-se compondo página a página de *Os Pescadores*.

Mas, atenção, quando as cores secam e nos habituamos ao espanto solar e ao denso azul das águas apercibemo-nos numa sombra branca que transparece da paisagem. Reconhecemo-la: é a morte. Agora já não aparece num fantasma nem se contorce em projecções metafísicas ou em monstruosidades grotescas como no teatro e nas novelas. Agora paira em claridade, e um aviso, uma ameaça luminosa no horizonte do mar. Sentimo-la cada vez que um barco se joga às ondas e por trás da miséria dos pescadores,

Sim, a morte tem o brilho da ausência. Neste segundo lado de Raul Brandão ela não se mostra em tragédia, anuncia-se por sinais. A imagem dos filhos, esses ciganos do mar, os cães enlouquecidos, o lenço da noiva à proa do barco como um passaporte de fidelidade para a morte, o Baleal olhado como uma ossada da velha Atlântida — todas estas e outras referências falam da desgraça e da morte e trazem à voluptuosidade do descritivo um terrível travo a tragédia.

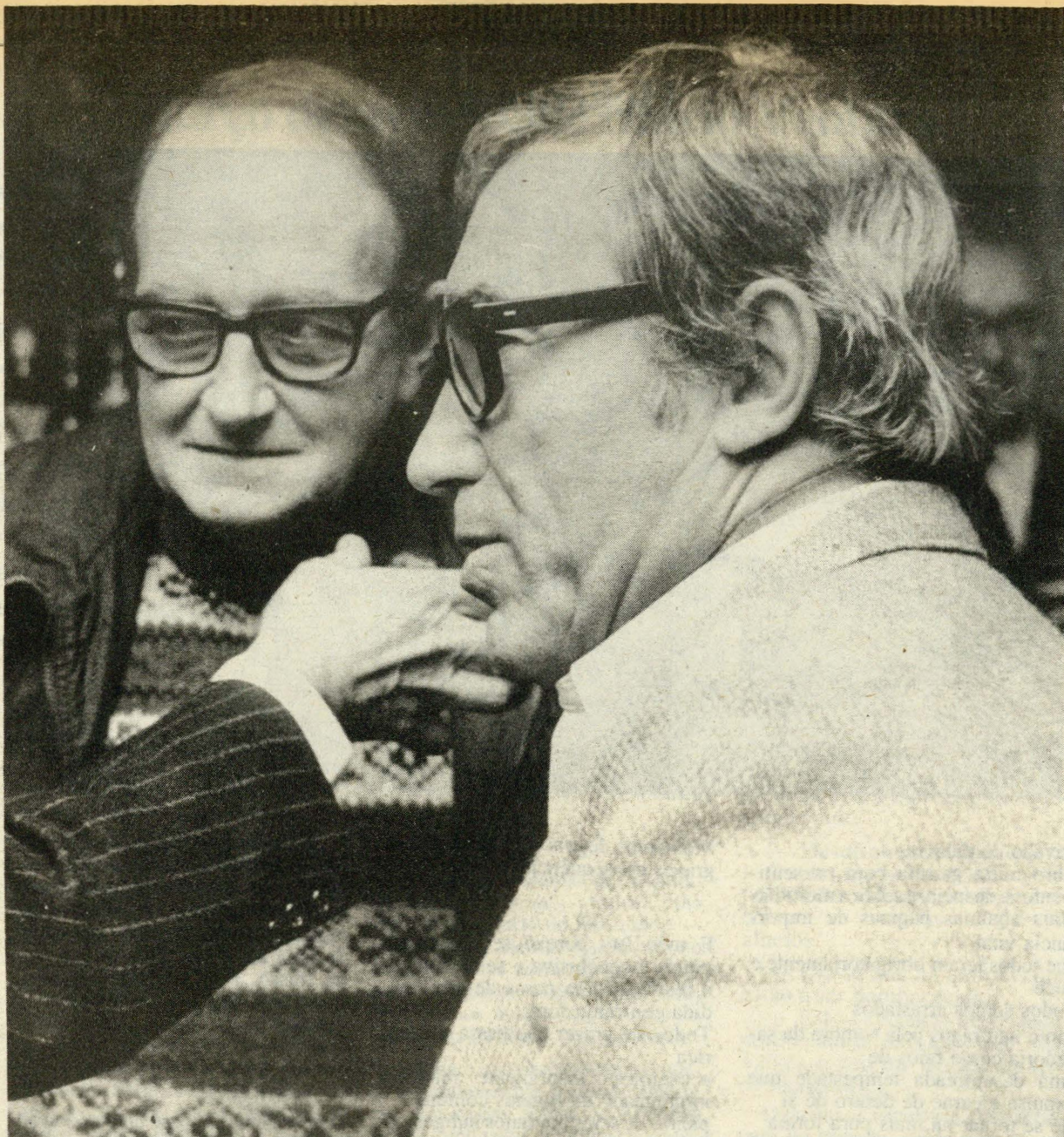
5

A obsessão da cor. Em 1923, a página 35 de *Os Pescadores*. Raul Brandão descobre, encantado: "Ja sei, o mundo é azul".

Meio século depois os cosmonautas iriam dar-lhe razão.

6

Os Pescadores foi escrito à sombra dum morto tutelar, um vulto longínquo



Jose Cardoso Pires (à esquerda) Mário Dionísio

a vogar à deriva num lugre destrocado pelos temporais. Meu avô, morto no mar, confirma a lapide da dedicatória que abre o livro. Raul Brandão nunca conheceu esse marinheiro errante, sabe-o apenas pela presença duma avó-viúva sentada a envelhecer de frente para a entrada da barra do Douro. À volta dela circula a infância do escritor, povoada de naufrágios, capitães de longo curso, corsários santificados e viúvas do mar. Há uma lanterna de bordo a iluminar o patamar da entrada da casa e uma corda de navio a servir de corrimão na escada que conduz à avó.

Naquele tempo a vila da Foz do Douro era um inventário de lutos, lendas marítimas e ex-votos pintados por calafates. Raul Brandão nasceu aí, neto e filho de pescadores, embalado por sagas de veleiros perdidos e iras de tempestades. "Como escrevo?", dirá ele um dia. "Ouço-me, escuto os mortos que andam em mim".

Entre o percurso da sua vida, que começa lá no alto à beira do oceano e que acaba em Lisboa numa casa da Lapa, há uma quinta de Guimarães onde ele escreve e se preenche modestamente como "pintor das horas perdidas", na designação de Pascoaes. Mas apesar desse refúgio campestre, Brandão nunca foi um intelectual de formação rural, não estudou no semiário nem em Coimbra Universidade dos Lavradores, e a sua escrita aparece por isso muito liberta das sintaxes e do gosto imagético de raiz camponesa que dominaram a nossa literatura. Não totalmente liberta, claro: a carga das seduções provincianas sobreposou na nossa novelística até aos anos cinquenta deste século, mesmo quando ela descia à cidade e pretendia enfrentar uma realidade alheia à *pax ruris*, como aconteceu com Torga e com Aquilino. Mesmo nos melhores tempos (neo-rea-

listas) dos chamados "Novos Prosadores" (de Coimbra), com excepção de Carlos de Oliveira.

E na ficção, e só na ficção, que a prosa portuguesa acusa um conservantismo formal de raiz agrária a que se opôs um Eça, por exemplo, com a resposta or excessivo do cosmopolitismo, e de que se libertaram depois pelo caminho Almeida, os surrealistas de Lisboa e poucos mais. Raul Brandão é, naturalmente e sem esforço, um homem de escrita cidadina ao nível da cultura urbana da sua época, e essa é uma das razões do acolhimento entusiástico que lhe manifestavam os jovens de então e do interesse que ele suscita nos escritores de hoje.

E também aí que *Os Pescadores* se apresentam como uma peça acabada do discurso sem ornatos nem folclore. Essa voz veio do lado marítimo de Brandão, daquele que lhe era mais natural e que o acompanharia pela obra fora desde algumas narrativas do seu pouco feliz livro de estreia, 1890, até às colaborações para o *Guia de Portugal* que escreveu pouco antes de morrer.

Talvez o gosto despojado deste livro tenha também a ver com a estrutura de *reportagem* que o enforma. Oficialmente, parece que começou a ser escrito depois duma visita a Palheiros de Mira na companhia do jornalista Mário Casimiro, 1920, e que se prolongou pelo *Guia de Portugal*. Mas há uma referência de Aquilino Ribeiro que o situa antes, dezassete anos antes, nos inquéritos sobre os pescadores que Brandão publicou no jornal *O Dia*, de que foi redactor-principal. E aí está, o sabor directo da escrita nasce como uma determinante da comunicação. Seja como for, é a partir da publicação de *Os Pescadores* que Aquilino, com o seu instinto poderoso, passa a usar a expressão "impressionismo atlântico" como um *copyright* de Raul Brandão, um quase sentimento

natural "que ele bebeu com o leite" (sic) na infância na Foz do Douro.

Mas nem Aquilino nem Guilherme de Castilho nem Jacinto do Prado Coelho ou outro comentador da obra brandoniana levantou qualquer ponta de pós-romantismo do discurso comovido de um português frente ao mar que é, afinal, *Os Pescadores*. E no entanto esse é um dos traços que lhe vejo com maior nitidez e que vou encontrar quase meio século depois noutro livro do mar, *A Barca dos Sete Lemes*, de Alves Redol.

Essa herança vem, sem dúvida, de Garrett das *Viagens na Minha Terra*. Muito menos enlevado no folclore e nos casticismos de linguagem, Raul Brandão insinua a narração o mesmo relacionamento "coloquial" com o leitor, que é típico dos românticos socialmente empenhados e que se prolongará até aos nossos dias não só em Redol e em alguns autores do primeiro neo-realismo como nas crónicas e na poesia de José Gomes Ferreira. "Reparem: desmaia a tinta azul e oiro da Outra Banda", diz o narrador de *Os Pescadores* chamando o leitor e envolvendo-o na paisagem. "Andem, devagarinho", recomenda-lhe noutra página: "vejo-o diante de mim...". anota mais adiante: "estou a ouvi-lo"; "à nossa frente, o fulvo areal...".

Este posicionamento e este tom de voz são característicos dum tipo de comunicação que procura humanizar e inserir-se na grande audiência literária que trouxe o romantismo. Por outro lado, o descritivo também não se desenvolve apenas em cores e sentimentos, como seria de esperar numa abordagem impressionista como esta. Não. Aqui a paisagem, no meio da sua intensidade visual, dramática ou voluptuosa, surge carregada de inventários materiais, dados precisos, estatísticas, definições de apetrechos e de tipos de barcos, mil coisas. Esse levantamento cultural, esse

didactismo, até, que se processa ao longo do texto com admirável naturalidade, entronca directamente no romantismo republicano que fez época e foi revolucionário sob a legenda de *Oh, escolas, semeai!*

7

A árvore e a cartilha, dois símbolos da Primeira República no seu ideário renovador. Raul Brandão ajusta-se irrevogavelmente a esta descoberta do povo e da paisagem social que o velho regime ocultava. Apesar do cepticismo impiedoso com que encara os políticos, ele é o escritor que se empenha na Pátria a clarificar através da escola e da liberdade cívica. O *Portugal Pequeno* que compôs com tanto encantamento para os filhos que nunca teve figura como a cartilha colorida dum país que ele projectava descrever em profundidade e numa programação exacta e ambiciosa. *A Vida Humilde do Povo Português*, de que afinal *Os Pescadores* seria o primeiro (e único) volume.

Ainda agora, quando releio este roteiro do nosso litoral, há uma agudeza que me surpreende na percepção com que ali denuncia, já então, alguns dos vícios fundamentais que estrangulam hoje o País, com o mito agrário, a alienação da costa pesqueira ou a emigração. Em Raul Brandão, 1923, a contradição explica o pescador pelo camponês ("o pescador é comunista e alegre, o montanheiro é desconfiado e triste"), mas registam-se por igual as misérias da *pax ruris* e a selvajaria dos donos do mar.

Aqui no Algarve, volta-se de repente para o Alentejo e aponta campos desolados onde o abismo separa o trabalhador do proprietário que goza em Lisboa e que lhe deixa de quando em quando uma folha para desbravar. Desbravada, tira-lha, observa Brandão. "E esta solidão redu-lo a atroz realidade". Depois detém-se, volta à pesca, e logo anota a voracidade dos conserveiros e dos armadores corsários: "Pescam nas nossas águas", escreve ele, "os galeões espanhóis, os navios ingleses e franceses e as criminosas traineiras depois de exterminarem o peixe na costa da Galiza e na baía de Vigo (...). Viu-se os exploradores republicanos continuarem a obra dos exploradores monárquicos. O peixe é caro porque está na mão de empresas poderosas que o vendem pelo preço que entendem".

Transcrevo estas linhas de *Os Pescadores* datadas de há 64 anos e penso nas frotas insaciáveis dos países da CEE que nos vigiam, prontas a largar amarras. Eles sabem que somos um País mentido, um País oficialmente agrícola que importa mais de metade da agricultura de que necessita para sobreviver, mas sabem também a nossa costa e cobriam-na como um dos viveiros do melhor peixe do Mundo. Portugal não morre enquanto tiver o pescador e a mulher como produtores de exportação, diz Raul Brandão por outras palavras. E justifica: "E ela a mulher quem nos salva parindo filhos sobre filhos para a emigração. Creio que só assim, parindo e gemendo é que se equilibra a nossa balança comercial".

Um escritor que registou a paisagem com esta inquietação e com esta referência não cabe nas molduras que alguns leitores apressados ainda pretendem impor-lhe com veneração. A sua leitura do País vai mais longe, tem outro futuro — projecta-se na actualidade do nosso viver e da nossa escrita.

Oscar Lopes: "Poucos autores portugueses deixaram até nós um rasto tão visível."

(Prefácio de José Cardoso Pires a *Os Pescadores*, de Raul Brandão, em edição definitiva da Editorial Comunicação, integrada nas Obras Completas de Raul Brandão)